



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS UNIVERSITÁRIO
DE BRAGANÇA FACULDADE DE EDUCAÇÃO LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA

NALISON GUSTAVO FARIAS DA COSTA

**CULTURA MATERIAL NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS NA COMUNIDADE DO CAMUTÁ, EM BRAGANÇA,
ESTADO DO PARÁ, BRASIL.**

BRAGANÇA (PA) 2026

NALISON GUSTAVO FARIAS DA COSTA

**CULTURA MATERIAL NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS NA COMUNIDADE DO CAMUTÁ, EM BRAGANÇA,
ESTADO DO PARÁ, BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como parte dos requisitos
obrigatórios para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia, Faculdade de
Educação do Campus Universitário de
Bragança, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Rogerio Andrade
Maciel

BRAGANÇA (PA) 2026

NALISON GUSTAVO FARIAS DA COSTA

**CULTURA MATERIAL NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS NA COMUNIDADE DO CAMUTÁ, EM BRAGANÇA,
ESTADO DO PARÁ, BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como parte dos requisitos
obrigatórios para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia, Faculdade de
Educação do Campus Universitário de
Bragança, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Rogerio Andrade
Maciel

Bragança, __/__/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogerio Andrade Maciel

Orientadora – Universidade Federal do Pará (UFPA)

Profª. Dra. Joana d’Arc de Vasconcelos Neves

Examinadora interna – Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Luís Junior Costa Saraiva

Examinadora interna – Universidade Federal do Pará (UFPA)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me concedido força, sabedoria e perseverança durante toda essa caminhada, principalmente nos momentos de dificuldades, nunca permitindo que eu desistisse do sonho de concluir minha graduação.

À minha família, expresso minha eterna gratidão por todo o apoio, incentivo e carinho ao longo dessa trajetória. Em especial, agradeço aos meus pais Edmilson e Sônia, que sempre me aconselharam e me mostraram a importância da educação como instrumento de transformação. Sem vocês, esta conquista não seria possível.

À minha namorada, Mayte, agradeço pelo companheirismo, pela compreensão, pelo incentivo e por estar ao meu lado nos momentos mais desafiadores desta jornada.

Manifesto também minha profunda gratidão ao meu orientador, Dr Rogério Andrade Maciel, pelos ensinamentos, pela dedicação, pelo acolhimento e pela confiança depositada em mim ao longo destes anos. Sua competência, profissionalismo e compromisso com a educação marcaram profundamente minha trajetória acadêmica e contribuíram de forma significativa para minha formação. Tenho grande admiração e respeito por sua atuação como professor e orientador.

Por fim, agradeço aos meus amigos, que fizeram parte dessa trajetória acadêmica, pelo apoio, incentivo e pelos momentos compartilhados ao longo dessa caminhada. A contribuição de cada um foi importante para que eu chegasse até aqui e concretizasse mais esta etapa da minha vida.

Muito obrigado!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEORICO.....	10
3 METODOLOGIA	13
3.1 ABORDAGENS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	30

CULTURA MATERIAL NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA COMUNIDADE DO CAMUTÁ, EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL.

Resumo

Este artigo teve por objetivo analisar a cultura material no currículo Intercultural na comunidade do Camutá em Bragança- PA. Metodologicamente utiliza a Abordagem da Nova História Cultural (NHC), com o uso da pesquisa de campo, de fotografias e entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciam que os saberes tradicionais relacionados à agricultura, religiosidade e produção artesanal constituem elementos centrais da identidade local e podem ser incorporados ao processo educativo. Conclui-se que a articulação entre saberes tradicionais e conhecimentos científicos contribui para um currículo mais contextualizado, significativo e intercultural.

Palavras Chave: Cultura Material; EJA; Currículo Intercultural; Amazônia

Abstract

This article aimed to analyze material culture within the intercultural curriculum of the Camutá community in Bragança, Pará. Methodologically, it employs the New Cultural History (NCH) approach, utilizing fieldwork, photographs, and semi-structured interviews. The results demonstrate that traditional knowledge related to agriculture, religious practices, and artisanal production constitutes a central element of local identity and can be incorporated into the educational process. It is concluded that integrating traditional knowledge with scientific knowledge contributes to a curriculum that is more contextualized, meaningful, and intercultural.

Keywords: Material Culture; Adult and Youth Education (EJA); Intercultural Curriculum; Amazon

1 Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar a cultura material na comunidade do Camutá no currículo intercultural da EJA, em Bragança, Estado do Pará, Brasil. O estudo está vinculado ao projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação no âmbito do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica - EDITAL 10/2025– PPROPESP/PIVIC/UFPA, com vigência de agosto de 2025 a julho de 2026, tem como objetivo analisar a cultura material no currículo

intercultural da EJA, na comunidade do Camutá, abrangendo saberes tradicionais, práticas culturais e produtivas das/os moradoras/es, está inserido nas ações do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Currículos nas Amazônia (NIPHECA), vinculado à Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança.

Em contextos amazônicos, especialmente em comunidades tradicionais, a cultura material constitui um importante campo de estudos para a compreensão das relações estabelecidas entre os sujeitos, os objetos e o meio em que vivem. Por meio dos artefatos, instrumentos, técnicas e práticas produzidas ao longo do tempo, é possível identificar conhecimentos, valores, memórias e formas de organização social que expressam a identidade cultural nessas comunidades. "A cultura material é produzida para desempenhar um papel ativo, é usada tanto para afirmar identidades quanto para dissimulá-las, para promover mudança social, marcar diferenças sociais..." (LIMA, 2011, p. 22).

Nesse sentido, os artefatos da cultura material não se restringem à sua funcionalidade técnica, mas carregam significados históricos e simbólicos que revelam modos de vida construídos e transmitidos entre gerações e gerações. Conforme Meneses (1983), a cultura material deve ser entendida como "suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social".

A valorização da cultura material e os saberes tradicionais na comunidade do Camutá, são importantes para identificação das práticas pesqueiras, os saberes e fazeres dos sujeitos. Entretanto, com o passar do tempo e, apesar da relevância na preservação e a valorização de sua identidade cultural, as práticas e conhecimentos que fizeram parte da história da comunidade como aqueles relacionados à pesca, vêm perdendo espaço no cotidiano das novas gerações. Além disso, muitos desses saberes permanecem pouco reconhecidos nos processos educativos, o que pode contribuir para o seu esquecimento.

Diante desse cenário, a pesquisa busca responder à seguinte questão-problema: Como a cultura material na comunidade do Camutá se faz presente no currículo intercultural da EJA, em Bragança, Estado do Pará, Brasil?

Nas comunidades amazônicas, a cultura material está profundamente relacionada às experiências cotidianas dos sujeitos e às interações estabelecidas com a natureza. Embarcações, utensílios de trabalho, instrumentos de pesca e outros artefatos tradicionais representam saberes produzidos historicamente e constituem importantes referências

culturais. Segundo Dohmann (2017, p. 44), “os objetos materiais carregaram informações implícitas sobre a época e as práticas culturais daqueles que participaram de suas construções”.

Esses conhecimentos, presentes na vida das populações ribeirinhas, extrativistas, pesqueiras e costeiras, integram um patrimônio cultural que necessita ser reconhecido e valorizado nos processos educativos, especialmente em propostas curriculares comprometidas com a diversidade cultural e os saberes locais.

A pesquisa desenvolvida na comunidade do Camutá dialoga com a ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis, especialmente com a meta 11.4, que visa fortalecer os esforços para proteger e salvaguardar o patrimônio cultural e natural, e para contribuir para a proteção, valorização e transmissão dos saberes e patrimônios culturais locais às novas gerações.

Na comunidade do Camutá, a interculturalidade no currículo representa uma oportunidade de valorizar elementos culturais que fazem parte da história e da identidade local, como a cultura material relacionada às embarcações, alguns indícios com a pesca, a relação com o rio Caeté e as manifestações religiosas ligadas à devoção mediados pelo Cirio Fluvial a São Benedito e a Nossa Senhora de Nazaré.

No estado do Pará, especialmente nas comunidades pesqueiras do nordeste paraense, a EJA atende sujeitos cujas experiências estão profundamente relacionadas às atividades da pesca artesanal e ao uso dos recursos naturais. Segundo Arroyo (2006, p.7), a EJA precisa utilizar-se dessas informações, partir das vivências dos sujeitos, pois eles estão em” contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”.

Dessa forma, torna-se necessário pensar um currículo intercultural capaz de articular os conhecimentos científicos aos saberes tradicionais produzidos historicamente nesses territórios, reconhecendo a cultura material da pesca como elemento significativo nos processos de ensino e aprendizagem, essa perspectiva contribui para uma educação mais contextualizada, crítica e comprometida com a valorização das identidades e dos modos de vida das populações amazônicas.

Para Freire (1997), a educação deve reconhecer os saberes construídos pelos sujeitos em suas experiências sociais, promovendo processos educativos pautados no diálogo e na valorização da realidade vivida pelos educandos.

Freire (2016); Candau (2008) e Oliveira (2005) mencionam que o currículo não deve ser transmitido apenas pela cultura historicamente acumulada, pois, as crianças, jovens, adultos e idosos ao adentrarem na escola são possuidores dos seus experiências

culturais, em essência, dessa forma a proposta de currículo intercultural não se limita em "adicionar" conteúdos sobre outras culturas, mas a repensar a estrutura e as práticas pedagógicas de modo que a diversidade cultural seja a base para a construção de um conhecimento mais amplo, crítico e socialmente relevante, comprometida com os excluídos, os oprimidos.

A interculturalidade no currículo constitui uma perspectiva educacional que reconhece e valoriza a diversidade de saberes, culturas e experiências presentes nos diferentes contextos sociais. Segundo Candau (2018, p. 49), “o currículo intercultural é uma abordagem educacional que valoriza a diversidade cultural, buscando integrar e reconhecer os saberes, as práticas e as tradições de diferentes grupos.” Mais do que incluir conteúdos relacionados às culturas locais, o currículo intercultural propõe o diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes produzidos pelas comunidades, promovendo o respeito às diferenças e o reconhecimento das identidades culturais dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa perspectiva torna-se ainda mais relevante, uma vez que os educandos carregam consigo experiências de vida, práticas de trabalho, conhecimentos tradicionais e memórias construídas ao longo de suas trajetórias. Assim, um currículo intercultural possibilita que esses saberes sejam incorporados às práticas pedagógicas, tornando o ensino mais significativo e contextualizado.

Dessa forma, o currículo deixa de ser apenas um instrumento de transmissão de conhecimentos formais e passa a contribuir para o fortalecimento da identidade cultural, da memória coletiva e do sentimento de pertencimento dos educandos.

2 Referencial teórico

A História Cultural, conforme Burke (2005), busca compreender as formas pelas quais os sujeitos atribuem sentidos às suas práticas, experiências e representações sociais. Nesse campo de investigação, os elementos materiais produzidos pelos grupos humanos assumem importância significativa, pois possibilitam interpretar aspectos relacionados à organização social, aos conhecimentos compartilhados e às identidades construídas ao longo do tempo.

Nessa perspectiva, Chartier (1990) destaca que as práticas culturais não podem ser analisadas de forma isolada, uma vez que são produzidas em contextos específicos e estão vinculadas às representações elaboradas pelos sujeitos sobre a realidade social. Assim, a

cultura material constitui uma importante dimensão de análise, permitindo compreender os processos de produção, circulação, utilização e significação dos objetos presentes no cotidiano das sociedades.

Para Funari (2008), os artefatos materiais representam fontes essenciais para a pesquisa histórica, pois registram aspectos da vida cotidiana que nem sempre são encontrados nos documentos escritos. Por meio deles, é possível conhecer práticas de trabalho, formas de sociabilidade, modos de produção e diferentes experiências vividas pelos grupos sociais. Da mesma forma, Meneses (1997) argumenta que os objetos fazem parte das relações sociais e participam da construção das memórias coletivas e individuais, desempenhando papel ativo na constituição das experiências humanas.

Desse modo, os artefatos devem ser compreendidos como elementos carregados de significados, expressando valores, conhecimentos, identidades e sentimentos de pertencimento. O estudo da cultura material possibilita compreender não apenas os objetos em si, mas também os sentidos atribuídos a eles por aqueles que os produzem, utilizam e preservam ao longo das gerações.

Nas Amazônias, a cultura material possui estreita relação com os modos de vida das populações tradicionais. Os conhecimentos construídos a partir das relações estabelecidas com os rios, as florestas, os manguezais e demais ambientes da região são materializados em diferentes instrumentos, utensílios e artefatos presentes no cotidiano das comunidades. Nesse sentido, Maciel, Neves e Silva Junior (2020) ressaltam que a cultura material amazônica está profundamente ligada às experiências dos sujeitos e aos saberes produzidos em seus contextos socioculturais, constituindo importante referência para a compreensão da diversidade existente na região.

Dessa forma, os artefatos utilizados pelas populações amazônicas representam mais do que simples objetos de uso cotidiano, pois expressam conhecimentos coletivamente construídos e transmitidos entre gerações. Ao tratar das práticas cotidianas, Certeau (2014) enfatiza que os sujeitos recriam continuamente seus modos de fazer, elaborando estratégias e práticas que possibilitam a construção e a manutenção de seus saberes nos diferentes espaços sociais.

Para Meneses (1983), os objetos da cultura material funcionam como suportes concretos da vida social, preservando experiências e valores compartilhados coletivamente. Assim, a produção artesanal de cerâmica, cestaria, esculturas e bordados evidencia a permanência de saberes tradicionais transmitidos entre gerações, contribuindo para a valorização do patrimônio cultural da comunidade.

O artesanato constitui uma importante expressão da cultura material, pois materializa saberes, técnicas e conhecimentos construídos historicamente pelos sujeitos em seus territórios. Segundo Brandão (1985), a cultura é produzida pelos próprios grupos sociais por meio de suas práticas cotidianas, atribuindo significados aos objetos que criam e utilizam. Nessa perspectiva, as peças artesanais produzidas na comunidade do Camutá ultrapassam sua função econômica, representando elementos de identidade cultural, memória e pertencimento.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade da educação básica assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996). Historicamente, a EJA foi construída a partir de intensas lutas sociais em defesa do direito à educação para as populações excluídas dos processos de escolarização. Ao longo dos anos, essa modalidade passou a assumir um papel fundamental na promoção da cidadania, da inclusão social e da ampliação das oportunidades formativas para jovens, adultos e idosos.

Ao refletir sobre a EJA nas Amazônias, torna-se necessário considerar as especificidades dos sujeitos que frequentam essa modalidade de ensino. Muitos estudantes são trabalhadores rurais, pescadores, agricultores, extrativistas, marisqueiras e demais integrantes de comunidades tradicionais que desenvolvem conhecimentos relacionados aos seus territórios e modos de vida. Esses saberes, produzidos nas práticas cotidianas e transmitidos entre gerações, constituem importantes patrimônios culturais que podem contribuir significativamente para os processos educativos.

Contudo, ainda enfrenta desafios relacionados à permanência dos estudantes, à valorização de suas experiências e à construção de currículos que dialoguem com suas realidades socioculturais.

Nessa perspectiva, a valorização dos saberes construídos nos territórios tradicionais torna-se um importante desafio para a EJA, especialmente em contextos amazônicos marcados pela diversidade cultural e pela pluralidade de formas de produção do conhecimento. As Diretrizes Operacionais da EJA orientam que o currículo seja contextualizado, flexível e articulado às realidades sociais, culturais e territoriais dos estudantes (BRASIL, 2025). A articulação entre a Educação de Jovens e Adultos e os pressupostos do currículo intercultural possibilita a construção de práticas pedagógicas mais próximas das experiências dos educandos.

O currículo Intercultural as discussões sobre currículo têm ocupado lugar de destaque nos debates educacionais contemporâneos, sobretudo quando relacionadas à diversidade cultural e às diferentes formas de produção do conhecimento presentes na

sociedade. O conceito de interculturalidade é central à (re)construção de um pensamento crítico, “precisamente porque está vivido e pensado desde a experiência vivida da colonialidade” (Candau, 2008, p. 37).

O currículo é o conjunto de experiências de aprendizagem que são planejadas e organizadas com o objetivo de promover o desenvolvimento de competências, habilidades, conhecimentos e atitudes nos alunos. Segundo Candau (2018, p. 49), “o currículo intercultural é uma abordagem educacional que valoriza a diversidade cultural, buscando integrar e reconhecer os saberes, as práticas e as tradições de diferentes grupos.” Portanto, o currículo intercultural, pode ser entendido como o caminho educacional que o estudante segue ao longo de sua formação escolar ou acadêmica, englobando as disciplinas, atividades, metodologias e conteúdo que são oferecidos em uma instituição de ensino.

3 Metodologia

O lócus da investigação corresponde ao território da comunidade, situada na Vila do Camutá, localizada aproximadamente a 7 km da sede do município de Bragança, às margens do rio Caeté, na região nordeste do estado do Pará, inserida na costa amazônica brasileira.

Nesse artigo, optou-se pela abordagem qualitativa, tendo como referência os pressupostos da Nova História Cultural (NHC). Essa perspectiva teórico-metodológica surgiu no final do século XX como uma alternativa às interpretações históricas mais tradicionais, ampliando as possibilidades de análise dos fenômenos sociais e culturais.

A Nova História Cultural caracteriza-se por seu caráter interdisciplinar, estabelecendo diálogos com áreas como a antropologia, a sociologia, a literatura e a história da arte, o que permite uma compreensão mais abrangente das experiências humanas, das representações culturais e dos significados construídos pelos sujeitos em seus diferentes contextos históricos e sociais.

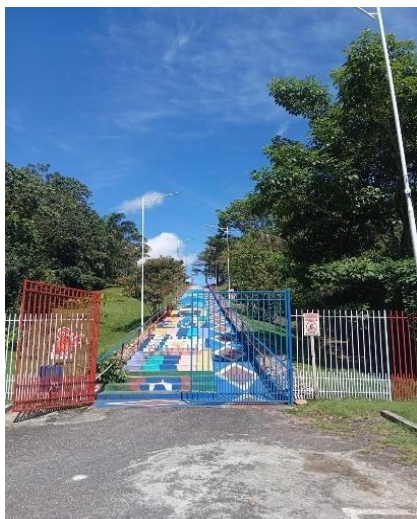
Em sua essência, a NHC se dedica a analisar as práticas culturais, os significados atribuídos pelos indivíduos aos seus mundos e as representações simbólicas que moldam as sociedades em diferentes épocas (Chartier, 1990; Burke, 2005). Dessa forma, a pesquisa fundamenta-se no campo teórico das práticas culturais e da produção de saberes, articulado aos pressupostos da Nova História Cultural, buscando compreender as experiências, memórias e conhecimentos construídos pelos moradores da comunidade do Camutá ao longo de sua trajetória histórica.

A investigação se caracteriza como uma pesquisa de campo. A pesquisa de campo permitiu uma aproximação direta com a realidade vivenciada pelos moradores da Vila do Camutá, no município de Bragança (PA). Esse tipo de pesquisa é definido como uma estratégia metodológica que busca informações diretamente na realidade empírica, isto é, no local em que os fatos se manifestam. Segundo Gil (2008, p. 58), “ela consiste na observação dos fatos e coleta de dados no próprio local onde ocorrem ou se encontram, permitindo ao pesquisador contato direto com o objeto de estudo e com os sujeitos envolvidos.”

A coleta dos dados ocorreu por meio de dois instrumentos metodológicos principais: os registros fotográficos e as entrevistas semiestruturadas. As fotografias foram utilizadas como recurso para documentar e compreender aspectos da realidade vivenciada pela comunidade, permitindo registrar elementos presentes em seu cotidiano e em seu contexto sociocultural. Conforme Burke (2017), as imagens constituem importantes evidências históricas, permitindo analisar aspectos culturais que nem sempre são captados por documentos escritos.

No âmbito dos estudos sobre cultura material, a análise e interpretação das imagens tornam-se fundamentais, uma vez que possibilitam identificar significados, usos e representações associados aos artefatos. Nesta pesquisa, os registros fotográficos concentraram-se nos artefatos e elementos culturais presentes na comunidade do Camutá, contribuindo para a compreensão dos saberes, práticas e experiências construídas historicamente pelos moradores. Para Kossoy (2001, p. 11), “a fotografia não é apenas um registro visual, mas um documento histórico e cultural que preserva memórias e materializa práticas sociais.”

Fotografia 1:



Fonte: Acervo fotográfico particular do autor, 2026.

A presença no território possibilitou conhecer e compreender os saberes tradicionais, as formas de organização social e as práticas desenvolvidas pela comunidade, destacando atividades como a agricultura, a comercialização de alimentos e a produção de artesanato, que desempenham papel importante do auto sustento das famílias e a construção da identidade local.

Além disso, a inserção no cotidiano comunitário favoreceu a obtenção de informações e experiências uma vez que envolvem conhecimentos construídos nas vivências dos sujeitos, nas relações coletivas e na interação constante com o ambiente em que estão inseridos.

3.1 Abordagens e Procedimentos da pesquisa

A entrevista semiestruturada, ocorreu com os moradores da comunidade do Camutá e na cidade de Bragança-PA. Segundo Gil (2008, p. 50), “é uma estratégia metodológica que busca informações diretamente na realidade empírica, permitindo contato imediato com o objeto de estudo e com os sujeitos envolvidos”. De acordo com Minayo (2016, p. 86), “a entrevista semiestruturada é um recurso central para representações, significados e experiências sociais, permitindo captar a riqueza da narrativa dos sujeitos; registros fotográficos dos artefatos e práticas cotidianas”. Essa técnica, de acordo com autores, como Manzini (2006), “combina um roteiro flexível com a possibilidade de aprofundar temas emergentes, permitindo capturar as narrativas em seus contextos reais.”

Para a realização das entrevistas, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as entrevistas do tipo semiestruturada, foram conduzidas com 6 entrevistas com os moradores em junho de 2026 para as coletas de dados da comunidade e assinatura de documentos, eles são conhecidos como “Valdecy” mais conhecido como “Japão”, “Orlando”, “Delio” “Benedito Padilha”, “José Otavio” “Dario Benedito”.

As entrevistas foram realizadas no primeiro momento com o primeiro entrevistado “Orlando” e “Dário” no dia 06/06 com finalidade de coletar dados sobre a história da comunidade, no segundo momento foram entrevistados os participantes “Valdecy”, “Benedito Padilha” no dia 11/06 com intuito de coletar as produções existente na comunidade, no terceiro momento os entrevistados foram os “Délío” e o “José Otavio” no dia 12/06 também com o intuito de coletar as produções existentes na comunidade.

Após a caracterização da comunidade, apresentamos os participantes da pesquisa, cujas narrativas contribuíram para a compreensão da cultura material da comunidade.

Quadro 1. Identidade dos entrevistados.

Nome	Idade	Comunidade
Orlando	61 anos	Vila do Camutá
Dário Benedito	48 anos	Bragança
José Otavio	52 anos	Vila do Camutá
Benedito Padilha	65 anos	Vila do Camutá
Valdecy	50 anos	Vila do Camutá
Délío	60 anos	Vila do Camutá

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O Quadro 1 apresenta a identidade dos entrevistados que contribuíram para a pesquisa, todos moradores da Vila do Camutá e participantes ativos das práticas sociais, culturais e econômicas da comunidade. Os relatos compartilhados por esses sujeitos possibilitam compreender aspectos relacionados à religiosidade, ao trabalho e às transformações ocorridas no cotidiano local ao longo do tempo. Segundo Brandão (1985, p. 22), “tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como objetos e os utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de: cultura”.

5 Resultados e Discussão

A comunidade do Camutá, é uma comunidade pesqueira não há um registro ou documento com uma data exata de fundação para a comunidade isoladamente, mas estima-se que a ocupação da área tenha **mais de 300 anos**, consolidando-se ao longo do **século XVIII** com os povos originários Tupinambá. O nome “Camutá” tem origem inteiramente indígena e vem da língua Tupi, **Cá:** significa "mato" ou "floresta" **Mutá:** se refere a um lugar alto usado para caçar animais.

Segundo o entrevistado Dário Benedito (2026):

A região tem ocupação indígena ancestral de aproximadamente quinze mil anos e vinte mil anos associada aos Tupinambá, com conflitos e colonização. O território foi palco de disputas entre povos indígenas de diferentes aldeias próximas e colonizadores europeus entre os séculos XVII e XVIII, incluindo o processo de aculturação e cristianização dos povos originários. A Memória local se dá pelo imaginário sobre o cacique Camutá que residia na aldeia e as narrativas de resistência fazem parte do patrimônio cultural local. A comunidade teve formação por migrações e miscigenação entre povos indígenas e portugueses estabelecendo-se em áreas férteis para cultivo de arroz, milho, mandioca, pesca e artesanato de cerâmica produções daquela época.

A fala do entrevistado Dário Benedito evidencia que a comunidade do Camutá possui uma história marcada por profundas transformações sociais, culturais e territoriais ao longo do tempo. Ao destacar a presença ancestral dos povos indígenas e os conflitos ocorridos durante o processo de colonização, o relato demonstra que a formação da comunidade não ocorreu de maneira pacífica, mas foi resultado de disputas, resistências e adaptações diante da ocupação europeia.

Outro aspecto importante é a permanência da memória indígena no imaginário local, especialmente por meio das narrativas relacionadas ao cacique Camutá, que leva o nome da comunidade. Mesmo com os processos de aculturação e cristianização, essas histórias continuam presentes na comunidade, fortalecendo a identidade cultural.

Atualmente, as práticas predominantes na comunidade do Camutá, são agricultura e artesanato, realizados pelos próprios moradores por exemplo a cerâmica, produção de (farinha, tucupi, goma), esses ofícios foram herdados, em parte, recuperados por descendentes dos povos originários indígenas e o turismo feito por um guia que é responsabilidade da Prefeitura Municipal de Bragança (PMB). Ele é responsável de receber os turistas que visitam a comunidade para conhecer o Mirante de São Benedito. Nessa comunidade existe inúmeras culturas que entre fazeres e fazeres, vamos tecendo os saberes.

Em 1989 um marco histórico pra Vila foi a chegada da energia elétrica onde possibilitou um avanço significativo para comunidade e moradores, e em 1930 se deu pela chegada de professores pra vila onde possibilitou uma educação digna para os moradores da vila, inclusive o nome da escola se deu por umas das professoras que passou e marcou seu nome na comunidade “Guilhermina Pinheiro Porto” até nos dias atuais a escola funciona com o seu nome.

As fotografias a seguir, mostra o *lôcus* da pesquisa, a Vila do Camutá.

Fotografia 2:



Fotografia 3:



Fonte: Acervo fotográfico particular do autor, 2026.

A primeira foto se refere a características da comunidade e na segunda foto se refere a igreja de Nossa Senhora da Conceição. Desta igreja sai para o trapiche de Mirante de São Benedito, a imagem de Nossa Senhora do Rosário (Círio de Nazaré) no mês de novembro e a imagem de São Benedito no mês de dezembro.

Para Brandão (1985, p.22), tal como a natureza onde vivemos e de quem somos parte, também a cultura não é exterior a nós. A diferença está em que o “mundo da natureza” nos antecede, enquanto o " mundo da cultura " necessita de nós para ser criado, para que ele, agindo como um criador sobre os seus criadores, nos recrie a cada instante como seres humanos.

De acordo com Freitas (2006), os relatos orais possibilitam acessar experiências e acontecimentos que muitas vezes não estão registrados em documentos escritos, mas permanecem vivos nas lembranças dos sujeitos.

A primeira entrevista foi com seu Orlando, morador que reside na Vila do Camutá, detentor de conhecimentos construídos ao longo de sua trajetória de vida nas atividades pesqueiras, agrícolas e outras desenvolvidas na comunidade. Seus saberes compartilhados são essências para o aprofundamento da história da comunidade.

[...] Os nossos antepassados trabalhavam com agricultura, arroz, milho, mandioca, farinha, goma, tucupí, farinha de tapioca, pesca e também com o negócio de cerâmica, negócio de argila, de fazer potes, panelas, uma infinidade de produtos que se usa na cozinha. Isso foi ficando com os tempos, mas tem pessoas que ainda procuram manter essa atividade. [...]

Esses conhecimentos constituem importantes referências para a compreensão das formas de vida, dos modos de produção e das relações estabelecidas entre os sujeitos e o território ao longo do tempo. A produção artesanal de utensílios de cerâmica, as práticas agrícolas tradicionais e as atividades pesqueiras mencionadas pelo entrevistado evidenciam saberes construídos coletivamente e transmitidos entre gerações, contribuindo para a preservação da memória e da identidade cultural da comunidade. Nesse sentido, reconhecer e valorizar essas experiências no contexto escolar possibilita aproximar os conhecimentos acadêmicos dos saberes populares, fortalecendo o sentimento de pertencimento dos estudantes e promovendo uma educação mais contextualizada e significativa.

Funari e Vieira (2009) diz que:

[...] a cultura material é tudo aquilo que é produzido ou modificado pelo ser humano, ou seja, tudo aquilo que faz parte do cotidiano da humanidade, independente do tempo ou mesmo do espaço. São objetos ou artefatos criados e usados pelas sociedades humanas, que têm valor histórico e cultural (Funari; Vieira, 2009, p. 4).

Desse modo, as culturas materiais têm sido analisadas e discutidas nos diferentes contextos sociais e têm conhecimentos que, na maioria das vezes, são negligenciados no campo da Educação.

A segunda entrevista traz a história das travessias fluviais que ocorrem na comunidade do Camutá:

[...] No século XIX e XX, o Camutá ficou marcado pela travessia fluvial de São Benedito da Praia, uma comitiva que atravessa o rio Caeté vindo de lá e desce no cais. Esse processo todo faz parte da religiosidade popular e do chamado Ciclo de São Benedito. [...] (Benedito, 2026).

A narrativa apresentada pelo entrevistado evidencia a importância das manifestações religiosas na constituição da memória e da identidade cultural da comunidade. A travessia fluvial de São Benedito da Praia representa não apenas um evento religioso, mas também uma prática social carregada de significados históricos, culturais e simbólicos para os moradores da região. Essas celebrações fortalecem os vínculos comunitários e contribuem para a preservação das tradições transmitidas entre gerações. Para Certeau (2014), os modos de fazer produzidos pelos grupos sociais revelam estratégias construídas no interior das práticas culturais, possibilitando compreender os conhecimentos que orientam as ações dos sujeitos em seus territórios.

O Círio Fluvial de São Benedito em Bragança (PA) ocorre tradicionalmente no dia 8 de dezembro. As festividades e a travessia pelo rio Caeté abrem oficialmente as homenagens ao Glorioso. A chegada do círio fluvial atraca no trapiche municipal, de onde os devotos seguem em cortejo terrestre pelas ruas do centro comercial de Bragança- PA.

Dessa forma, a travessia fluvial e os rituais associados ao Ciclo de São Benedito podem ser compreendidos como expressões culturais que ultrapassam o aspecto religioso, constituindo-se como elementos de memória coletiva e pertencimento social. Ao serem recriadas e vivenciadas ao longo do tempo, essas práticas mantêm viva a história da comunidade, ao mesmo tempo em que incorporam novos significados de acordo com as transformações sociais e culturais ocorridas em cada período histórico.

Em outro depoimento, o entrevistado Benedito Padilha destaca a forte presença da devoção a São Benedito na comunidade:

[...] Os barcos vêm porque as pessoas fazem promessas e têm devoção ao santo. [...] Muitos se dão, fazem promessas, porque na maior parte a gente faz promessas. Aí através dessa promessa eles vêm buscar o santo. [...]

Essas narrativas demonstram a relevância da religiosidade popular como elemento constitutivo da identidade cultural local. As promessas e a participação dos devotos nas festividades revelam práticas que fortalecem os laços comunitários e mantêm vivas tradições transmitidas entre gerações. A chegada dos barcos durante as celebrações religiosas simboliza não apenas um ato de fé, mas também a continuidade de uma herança cultural compartilhada pelos moradores da região.

Além da religiosidade, o entrevistado aborda aspectos relacionados às atividades produtivas desenvolvidas na comunidade:

[...] Eu plantando aí é mais despesa. Tem que estar limpando, capinando, pagando, eu compro R\$ 600 de mandioca de Vila Fátima para fazer a produção de farinha no sábado. [...] Quando é no outro sábado da manhã, já tem entrega e dinheiro. [...]

O relato evidencia as transformações ocorridas nas práticas econômicas locais. Se anteriormente o cultivo da mandioca fazia parte do processo produtivo familiar, atualmente a aquisição da matéria-prima em outras localidades surge como alternativa diante das mudanças nas condições de trabalho e produção, a exemplo do morador que reside em Bragança, mas adquire o produto em Vila Fátima, no município de Tracuateua. Esse cenário demonstra a capacidade de adaptação dos moradores às novas demandas econômicas, sem abandonar atividades tradicionais, como a produção de farinha e seus derivados.

Nesse sentido, a reflexão de Andrade (2011, p. 13), ao afirmar que “as coisas materiais mudam porque as pessoas mudam”, contribui para compreender as transformações observadas na comunidade. As mudanças nas formas de produção, comercialização e organização do trabalho refletem as adaptações realizadas pelos sujeitos diante das novas realidades sociais, econômicas e culturais. Contudo, mesmo diante dessas transformações, permanecem elementos que reforçam a identidade da Vila do Camutá, especialmente aqueles relacionados à religiosidade, às tradições e aos saberes transmitidos entre as gerações.

Em seu depoimento seu Otavio, destaca:

[...] Primeiramente a gente bota a mandioca na água. Agora é dois dias, antigamente era seis, sete dias. Depois a gente tira a casca, rala, tira o tucupi, deixa sentar, lava de novo e vai fazendo todo o processo até chegar na farinha. A massa bota no tipiti, que vai para o sarilho. Do sarilho vem para a peneira, que é para passar a massa. Depois eu boto no forno e vai torrar. Aí tem que ser só na mão. [...]

A narrativa evidencia não apenas as etapas de fabricação da farinha, mas também os conhecimentos tradicionais acumulados e transmitidos entre gerações. O uso de instrumentos como o tipiti, o sarilho, a peneira e o forno demonstram a presença de artefatos que fazem parte do patrimônio cultural da comunidade e que continuam sendo utilizados na produção artesanal. Esses objetos, associados às técnicas de preparo da mandioca, representam saberes construídos historicamente pelos moradores e preservados por meio das práticas cotidianas. Conforme Sales e Maciel (2020, p. 64), os artefatos utilizados na produção da farinha podem ser considerados como elementos da cultura

material, por serem elementos culturais de suma importância na casa de farinha e no processo de produção.”

A produção da farinha exemplifica essa relação entre sujeitos e materialidades, uma vez que os utensílios empregados no processo produtivo não são apenas ferramentas de trabalho, mas também elementos que carregam significados culturais, históricos e identitários.

Além disso, a fala do entrevistado revela mudanças ocorridas ao longo do tempo, como a redução do período de fermentação da mandioca, que anteriormente durava entre seis e sete dias e atualmente ocorre em aproximadamente dois dias. Essas transformações demonstram que os saberes tradicionais não permanecem estáticos, mas são constantemente adaptados às necessidades e condições vivenciadas pelos produtores. Assim, a produção da farinha na Vila do Camutá constitui uma importante expressão da cultura material local, articulando tradição, trabalho, memória e identidade cultural.

Nos quadros 2 e 3, visualiza-se a atividade produtiva da farinha com dois agricultores:

Fotografia 4:



Fonte: Acervo fotográfico particular do autor, 2026.

Quadro 2: produção da farinha com seu Otávio

Artefatos	Valores
Farinha	10 reais litro
Goma	8 reais litro
Farinha de tapioca	10 reais litro

Tucupi	8 reais litro
---------------	----------------------

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2026

Quadro 3: produção da farinha com seu Padilha

Artefatos	valores
Farinha	12,50 reais litro
Goma	10 reais litro
Farinha de tapioca	10 reais litro
Tucupi	12 reais litro

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2026

As duas produções de farinha, tucupi, goma e farinha de tapioca, embora estejam na mesma comunidade com a diferença de 50 metros, apresentam particularidades em seus processos produtivos. Uma das principais diferenças está na matéria prima de outro lugar. Enquanto o morador Padilha adquire a mandioca de outra localidade, seu Otávio, produz a própria matéria prima

Essa diferença influencia diretamente os custos de produção e, conseqüentemente, os preços de comercialização dos produtos. Como seu Otávio não depende da compra da matéria-prima, seus custos tendem a ser menores em comparação aos de Padilha. Dessa forma, a circulação da matéria-prima entre diferentes territórios impacta os valores finais dos produtos, o que pode ser observado nos Quadros 1 e 2, onde os preços apresentam variações entre os dois produtores.

Fotografia 5:



Fotografia 6:



Fonte: Acervo fotográfico particular do autor, 2026.

Os quadros 4 e 5 compreendem os artesanatos:

Quadro 4: Artesanato produzido com cerâmica e tala produzido pelo seu Délio

Artesanato	Tamanho	Valores
Escultura	Pequeno e médio	35 a 60 reais
Potes de cerâmica	Pequeno e médio	20 a 50 reais
Bordado Pintado	Pequeno e médio	30 a 50 reais
Jóias de cerâmica	Pequeno	5 a 15 reais
Abanos Pintado	Médio	40 reais

Quadro 5: Artesanato produzido com madeira e resina pelo seu Japão

Artesanato	Tamanho	Valores
Imagem de madeira	50 cm	800,00 reais
Escultura de madeira	1 metro	2.000 mil
Escultura de resina/ fibra	1 metro	2.500 mil
Imagem com criança no colo	1 metro	2.500 a 3.000 mil
Boi para festa junina	1,20 metro	600 reais

O Quadro 4 apresenta diferentes produtos artesanais comercializados na comunidade, evidenciando a diversidade de saberes e técnicas que compõem a cultura local. Entre os itens produzidos destacam-se esculturas, potes de cerâmica, bordados pintados, jóias de cerâmica e abanos pintados, cujos valores variam de acordo com o tamanho e a complexidade da produção. Esses artefatos representam importantes manifestações da cultura material, uma vez que são produzidos a partir de conhecimentos tradicionais transmitidos entre gerações e vinculados à identidade da comunidade. Em seu depoimento, seu Délio destaca a relevância da cestaria e da cerâmica como atividades historicamente presentes no território:

[...] A produção aqui, raiz artesanal e cultural, está ligada à cestaria e à produção de cerâmica. São as duas produções de raiz muito fortes. [...]
[...] A produção de cerâmica vinculada à produção feminina. E essas mulheres se denominam loiceiras. Então é uma homenagem às loiceiras com o nome de Loiça de Barro. [...]

Essa narrativa revela a importância das mulheres na manutenção e transmissão dos saberes artesanais relacionados à cerâmica. As loiceiras desempenham um papel significativo na preservação dessa prática cultural, contribuindo para a continuidade de técnicas, conhecimentos e tradições que constituem parte do patrimônio cultural da comunidade. Além de sua função econômica, a produção de cerâmica representa uma forma de valorização da identidade feminina e do trabalho desenvolvido pelas artesãs locais. Segundo Brandão (1985, p. 22), "tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como objetos e utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em outra, chamamos de cultura".

Funari (2008), os objetos, práticas e saberes somente permanecem vivos quando são apropriados e ressignificados pelas novas gerações. Quando a transmissão é interrompida, corre-se o risco de perda de importantes patrimônios culturais construídos historicamente pelas comunidades. Assim, a produção de cestarias, cerâmicas, bordados e demais artesanatos observados na comunidade demonstra a importância da continuidade dos processos de aprendizagem e transmissão cultural, garantindo a preservação dos saberes tradicionais e fortalecendo a identidade coletiva dos moradores.

Já no quadro 5 apresenta alguns dos principais produtos artesanais confeccionados na comunidade, evidenciando a diversidade das peças produzidas e seus respectivos valores de comercialização. As esculturas e imagens elaboradas em madeira, resina e fibra demonstram não apenas uma atividade econômica importante para os artesãos locais, mas também a permanência de conhecimentos técnicos e artísticos transmitidos ao longo do tempo. Certeau (2014), ao demonstrar que os sujeitos produzem seus modos de vida por meio das práticas cotidianas desenvolvidas em seus territórios.

De acordo com Meneses (1997), destaca que a cultura material está intimamente relacionada à memória social, uma vez que os objetos e as práticas preservam marcas das vivências e das identidades construídas coletivamente. Nessa perspectiva, as peças artesanais produzidas pelos moradores representam mais do que mercadorias destinadas à venda; constituem expressões culturais que carregam saberes, histórias e referências da comunidade. Cada escultura produzida materializa experiências acumuladas pelos artesãos, revelando aspectos da identidade local e contribuindo para a preservação da memória coletiva.

Em seu depoimento seu Japão, destaca:

[...] Eu aprendi o artesanato ainda jovem, quando chegaram à minha cidade, em Viseu, os padres italianos barnabitas. Eles perceberam essa carência de fazer algo pela cidade. Então eles pegaram um morador que trabalhava na construção de canoas e levaram para Itália pra receber essa formação e, quando eles chegaram com essa ideia de criar uma escola de arte e começou a ensinar os jovens da comunidade. Eu fui um dos jovens e eu agradeço muito por chegar essa pessoa na cidade e colocar isso pra gente, é de onde eu tiro o meu sustento. [...]

A narrativa evidencia como os saberes artesanais são construídos por meio das relações sociais e dos processos educativos desenvolvidos na comunidade. A criação da escola de arte possibilitou a formação de jovens artesãos e contribuiu para a valorização de uma atividade que, além de gerar renda, fortalece a identidade cultural local. O depoimento demonstra ainda a importância das iniciativas comunitárias na transmissão de conhecimentos e na preservação de práticas culturais que permanecem vivas até os dias atuais e que teve origem com os padres barnabitas que estão presente até hoje na região de Bragança.

Nas duas produções a ideia de saberes tradicionais e com tecnologias industriais. Dessa forma, o artesanato assume um papel fundamental na preservação da cultura material e na construção das identidades sociais da comunidade do Camutá, em BragançaPA.

A seguir, apresento, a partir dos saberes, práticas culturais e artefatos presentes na comunidade do Camutá, conhecimentos que podem ser desenvolvidos nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), articulando os saberes tradicionais da comunidade com os conhecimentos escolares:

- Conhecimentos sobre a história da comunidade do Camutá e suas origens indígenas;
- Memórias sobre a ocupação do território e os processos de formação da comunidade;
- Saberes relacionados ao cultivo da mandioca e à agricultura familiar;
- Etapas da produção da farinha, goma, tucupi e farinha de tapioca;
- Conhecimentos sobre os instrumentos utilizados na casa de farinha (tipiti, sarilho, peneira, forno e ralador);
- Conhecimentos matemáticos relacionados às medidas, quantidades, custos de produção e comercialização dos produtos derivados da mandioca;

- Conhecimentos sobre o rio Caeté e sua importância histórica, econômica, cultural e ambiental para a comunidade;
- História e significado do Círio Fluvial de São Benedito e das festividades religiosas da comunidade;
- Religiosidade popular, promessas, devoção e manifestações culturais associadas a São Benedito e Nossa Senhora de Nazaré;
- Conhecimentos sobre a produção artesanal de cerâmica e cestaria;
- História das loiceiras e sua contribuição para a preservação dos saberes tradicionais;
- Técnicas de produção de esculturas, peças de cerâmica, bordados, joias artesanais e trabalhos em madeira;
- Relação entre artesanato, identidade cultural e geração de renda;
- Conhecimentos sobre matérias-primas utilizadas no artesanato local (argila, tala, madeira, resina e fibras);
- Patrimônio cultural material e imaterial da comunidade do Camutá;
- Sustentabilidade ambiental e utilização dos recursos naturais da comunidade;

A partir dos resultados da pesquisa, propõe-se que o currículo intercultural da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na comunidade do Camutá seja construído a partir dos saberes, práticas e experiências vivenciadas pelos próprios sujeitos do território. Nessa perspectiva, os conhecimentos relacionados à produção da farinha, do tucupi e da goma, à cerâmica artesanal, à cestaria, às esculturas em madeira e resina, às manifestações religiosas ligadas ao Círio Fluvial, a São Benedito e à Nossa Senhora de Nazaré, bem como às memórias indígenas e ribeirinhas, podem constituir temas geradores para o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

O currículo intercultural deve partir da realidade dos educandos, reconhecendo seus conhecimentos tradicionais e promovendo o diálogo entre os conhecimentos científicos. Dessa forma, conteúdos de História, Geografia, Ciências, Matemática, Língua Portuguesa e Artes podem ser trabalhados a partir das experiências presentes na comunidade.

6 Considerações finais

Este estudo possibilitou compreender que a comunidade do Camutá possui um rico patrimônio cultural constituído por saberes, práticas e artefatos produzidos historicamente por seus moradores. Embora localizada às margens do rio Caeté, a pesquisa evidenciou que a identidade da comunidade não está mais exclusivamente na pesca, mas também em atividades como a agricultura, a produção de farinha, tucupi, goma, a cerâmica artesanal e as manifestações religiosas ligadas à devoção a São Benedito e nossa senhora de Nazaré.

Os resultados da pesquisa demonstram que a cultura material da comunidade do Camutá representa um importante patrimônio cultural, constituído por conhecimentos, técnicas e práticas transmitidos entre gerações. Os artefatos produzidos pelos moradores, como os instrumentos da casa de farinha, as peças de cerâmica, as esculturas em madeira e os demais produtos artesanais, expressam saberes que ultrapassam sua dimensão utilitária, revelando aspectos da memória, da identidade e do modo de vida da comunidade.

Diante da problemática proposta analisar como a cultura material na comunidade do Camutá se faz presente no currículo intercultural da EJA, em Bragança, Estado do Pará, Brasil, os resultados demonstram que a cultura material constitui um importante elemento para a construção de práticas curriculares contextualizadas. Os artefatos, os modos de produção da farinha, da cerâmica, do artesanato, as manifestações religiosas e os conhecimentos tradicionais identificados na comunidade evidenciam saberes que podem ser incorporados ao currículo da EJA, estabelecendo diálogo entre os conhecimentos científicos e as experiências dos educandos.

A pesquisa evidencia que a valorização desses saberes fortalece a identidade cultural, a memória coletiva e o sentimento de pertencimento dos estudantes, além de contribuir para uma educação mais significativa e comprometida com as realidades amazônicas. Assim, conclui-se que a cultura material da comunidade do Camutá possui potencial para subsidiar a construção de um currículo intercultural que reconheça os sujeitos como produtores de conhecimentos, promova a preservação do patrimônio cultural local e contribua para a formação crítica e cidadã dos educandos da EJA.

Referencias

- ANDRADE, C. A. de. *O papel da cultura material na expansão das capacidades humanas*. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- ARROYO, M.G. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In: UNESCO, MEC, RAAAB(Org). *Construção Coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. 2. ed. Brasília: SECAD, 2006.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 2, de 15 de maio de 2025. Institui Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Brasília, DF: CNE/CEB, 2025.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.
- BRANDÃO, C. R. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 1985.
- BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BURKE, Peter. Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: UNESP, 2017.
- CANDAU, V. M. (org.). *Reinventar a escola na América Latina: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- CANDAU, V. M. (org.). *Interculturalidade, direitos humanos e educação*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DOHMANN, Marcus. *Cultura material: sobre uma vivência entre tangibilidades e simbolismos*. Diálogo com a Economia Criativa, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 41-53, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2006.

- FUNARI, P. P. A.; VIEIRA, M. F. (org.). *Arqueologia da cultura material*. Dicionário da cultura material. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 81-93.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KOSSOY, B. *Fotografia & história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LIMA, Tania Andrade. *Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais*. Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2011.
- MANZINI, E. J. (org.). *Entrevista semiestruturada*. São Paulo: Cortez, 2006.
- MACIEL, Rogério Andrade; NEVES, Joana D'Arc de Vasconcelos; SILVA JUNIOR, Sebastião Rodrigues. *Cultura material em contextos não escolares na Amazônia paraense*. Curitiba: CRV, 2020.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, n. 115, p. 103-117, 1983. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i115p103-117.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ARQUIVOS PESSOAIS, 1997, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; São Paulo: IEB/USP, 1997. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_cultura_material_ulpiano_meneses.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/1>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- OLIVEIRA, Avelino da Rosa. *Marx e a exclusão*. Pelotas: Seiva, 2004.
- SALES, Dione Vieira; MACIEL, Rogerio Andrade. Cultura material da farinha na Amazônia Paraense. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 7, n. 15, p. 50-66, 2020.

Anexos

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Qual o seu nome? Como você é conhecido(A) por aqui?
- 2- Qual a sua idade? Quanto tempo você mora na comunidade?
- 3- A quanto tempo você usa essa embarcação?
- 4- A embarcação é usada para qual atividade?
- 5- Que atividade de produção econômica ocorre nessa embarcação? Em que tempo? Valores?
- 6- Com quem você aprendeu a usar os barcos? O que você aprendeu com a isso? (Saberes e práticas)
- 7- Como funciona o uso da embarcação para o turismo?
- 8- Quais os materiais (artefatos culturais são usados na embarcação?
- 9- Relate o passo a passo de como ele é usado?
- 10- Durante a sua trajetória de vida como o uso da embarcação continua sendo o mesmo? Ele se modificou? De que forma?
- 11- Quando você usa/ou o artefato ele interferiu em sua mudança de uso?
- 12- A maré influencia na prática da embarcação de que forma?
- 13- Como você o usava e como você o usa hoje a embarcação? (o porquê dessa mudança)
- 14- Quais os valores desses artefatos?
- 15- Quais os tipos de peixes, mariscos, crustáceos são pescados com a embarcação?
- 16- Como se usa a embarcação para o traslado do santo/ que impacto isso traz para a comunidade ?
- 17- Quais conflitos ocorre nessa prática da embarcação ?
- 18- O que os artefatos e a pesca significa para você?



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: CULTURA MATERIAL DA PESCA NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA COMUNIDADE DO CAMUTÁ, EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL.

Coordenador/Orientador: Prof. Dr. Rogério Andrade Maciel

Pesquisador: Nalison Gustavo Farias da Costa

- 1 Natureza da Pesquisa:** O presente projeto de pesquisa pleiteado para o Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica - EDITAL 10/2025- PPROPESP/PIVIC/UFPA, com vigência de agosto de 2025 a julho de 2026, tem como objetivo analisar a cultura material da pesca no currículo intercultural da EJA, na comunidade do Camutá, abrangendo saberes tradicionais, práticas culturais e produtivas das/os pescadoras/es.
- 2 Participante da Pesquisa:** Participará dessa pesquisa, os pescadores da Comunidade Vila Do Camutá? que atuam com as práticas de pesca artesanal, semi-industrial e /ou industrial, localizada no município de Bragança-PA. Esses sujeitos prestarão depoimento oral sobre seus conhecimentos experiências e práticas relacionadas ao uso de embarcações e artefatos da pesca, tais como redes, tarrafas, apetrechos de captura e outros instrumentos utilizados nas atividades pesqueiras. Os depoimentos contribuirão para a compreensão da cultura material da pesca em contexto local e global.
- 3 Envolvimento na pesquisa:** Ao autorizar sua participação, neste estudo, você está permitindo que o depoimento oral concedido aos pesquisadores seja utilizado para colaborar com a pesquisa no âmbito da CULTURA MATERIAL DA PESCA NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA COMUNIDADE DO CAMUTÁ, EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL. As entrevistas abordarão aspectos relacionados ao uso das embarcações, dos artefatos da pesca, dos conhecimentos transmitidos entre gerações, das transformações ocorridas ao longo do tempo e dos impactos das mudanças climáticas sobre as práticas de pesca e os modos de vida da comunidade.
- 4 Sobre as imagens dos artefatos e depoimentos orais dos sujeitos da pesquisa:** Ao autorizar o uso do seu depoimento oral (entrevistas) e das imagens dos artefatos usados nas práticas pesqueiras desenvolvidas na Comunidade Vila do Camutá, as entrevistas abordarão aspectos relacionados ao uso das embarcações, dos artefatos da pesca, dos conhecimentos transmitidos entre gerações, das transformações ocorridas ao longo do tempo e dos impactos das mudanças climáticas sobre as práticas de pesca e os modos de vida da comunidade. Você permitirá a utilização desses resultados pelos pesquisadores no ambiente acadêmico. As imagens serão registradas por meio de fotografias em câmeras fotográficas, *smartphone* e ou gravações de vídeos. O uso dos depoimentos e das imagens dos artefatos da pesca serão utilizadas para colaborar com a pesquisa para produção do Trabalho Científico de Conclusão de Curso (TCC); os relatórios vinculados ao projeto de pesquisa, em

apresentações acadêmicas, artigos científicos e na construção de um manual educativo sobre a cultura material da pesca e práticas sustentáveis voltadas ao fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais. As fotografias e os depoimentos serão utilizados para analisar a cultura material da pesca, identificar os saberes e práticas tradicionais associados aos artefatos pesqueiros, comparar transformações ocorridas nas atividades de pesca em decorrência das mudanças climáticas e compreender suas contribuições para a construção de currículos interculturais na Educação de Jovens e Adultos.

5 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Será informado o nome do participante, na tabulação dos dados, a idade e o tempo de trabalho com a pesca, o gênero, assim como outros relatos orais, práticas culturais nos espaços pesqueiros com o uso dos seus respectivos artefatos, apresentados pelos entrevistados, de modo que ele/ela autorize tal identificação, caso contrário, utilizaremos pseudônimos, nomes fictícios, a fim de garantir a conduta ética de pesquisa. Estas informações serão veiculadas no meio científico.

6 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das proposições curriculares na Amazônia Bragantina, a partir da Cultura Material da Pesca, para a preservação da memória cultural relacionada aos artefatos, práticas da pesca. A construção de um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazônias enquanto currículos interculturais na Vila do Camutá e na escola situada neste território pesqueiro.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo minha participação nesta pesquisa.

Rogério Andrade Maciel

Rogério

Andrade Maciel – Orientador
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará
(91) 98174-2047

Nalison Gustavo Farias

Nalison Gustavo FARIAS Da Costa – Voluntário
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará (91)
98254-7680

Bragança/PA 06 de Junho de 2026

Assinatura do participante pescador(a):

Orlando Brito dos Reis

apresentações acadêmicas, artigos científicos e na construção de um manual educativo sobre a cultura material da pesca e práticas sustentáveis voltadas ao fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais. As fotografias e os depoimentos serão utilizados para analisar a cultura material da pesca, identificar os saberes e práticas tradicionais associados aos artefatos pesqueiros, comparar transformações ocorridas nas atividades de pesca em decorrência das mudanças climáticas e compreender suas contribuições para a construção de currículos interculturais na Educação de Jovens e Adultos.

5 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Será informado o nome do participante, na tabulação dos dados, a idade e o tempo de trabalho com a pesca, o gênero, assim como outros relatos orais, práticas culturais nos espaços pesqueiros com o uso dos seus respectivos artefatos, apresentados pelos entrevistados, de modo que ele/ela autorize tal identificação, caso contrário, utilizaremos pseudônimos, nomes fictícios, a fim de garantir a conduta ética de pesquisa. Estas informações serão veiculadas no meio científico.

6 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das proposições curriculares na Amazônia Bragantina, a partir da Cultura Material da Pesca, para a preservação da memória cultural relacionada aos artefatos, práticas da pesca. A construção de um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazônias enquanto currículos interculturais na Vila do Camutá e na escola situada neste território pesqueiro.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo minha participação nesta pesquisa.

Rogério Andrade Maciel

Rogério

Andrade Maciel – Orientador

Pesquisador pela Universidade Federal do Pará

(91) 98174-2047

Nalison Gustavo Farias

Nalison Gustavo FARIAS Da Costa – Voluntário

Pesquisador pela Universidade Federal do Pará (91)

98254-7680

Bragança/PA 06 de Junho de 2026

Assinatura do participante pescador(a):

Francisco Benedito Rodrigues Nogueira da Silva

apresentações acadêmicas, artigos científicos e na construção de um manual educativo sobre a cultura material da pesca e práticas sustentáveis voltadas ao fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais. As fotografias e os depoimentos serão utilizados para analisar a cultura material da pesca, identificar os saberes e práticas tradicionais associados aos artefatos pesqueiros, comparar transformações ocorridas nas atividades de pesca em decorrência das mudanças climáticas e compreender suas contribuições para a construção de currículos interculturais na Educação de Jovens e Adultos.

5 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Será informado o nome do participante, na tabulação dos dados, a idade e o tempo de trabalho com a pesca, o gênero, assim como outros relatos orais, práticas culturais nos espaços pesqueiros com o uso dos seus respectivos artefatos, apresentados pelos entrevistados, de modo que ele/ela autorize tal identificação, caso contrário, utilizaremos pseudônimos, nomes fictícios, a fim de garantir a conduta ética de pesquisa. Estas informações serão veiculadas no meio científico.

6 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das proposições curriculares na Amazônia Bragantina, a partir da Cultura Material da Pesca, para a preservação da memória cultural relacionada aos artefatos, práticas da pesca. A construção de um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazônias enquanto currículos interculturais na Vila do Camutã e na escola situada neste território pesqueiro.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo minha participação nesta pesquisa.

Rogério Andrade Maciel

Rogério

Andrade Maciel – Orientador

Pesquisador pela Universidade Federal do Pará

(91) 98174-2047

Nalison Gustavo Farias

Nalison Gustavo FARIAS Da Costa – Voluntário
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará (91)

98254-7680

Bragança/PA de *11* de *junho* de 2026

Assinatura do participante pescador(a):

Valdeci dos Santos

apresentações acadêmicas, artigos científicos e na construção de um manual educativo sobre a cultura material da pesca e práticas sustentáveis voltadas ao fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais. As fotografias e os depoimentos serão utilizados para analisar a cultura material da pesca, identificar os saberes e práticas tradicionais associados aos artefatos pesqueiros, comparar transformações ocorridas nas atividades de pesca em decorrência das mudanças climáticas e compreender suas contribuições para a construção de currículos interculturais na Educação de Jovens e Adultos.

5 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Será informado o nome do participante, na tabulação dos dados, a idade e o tempo de trabalho com a pesca, o gênero, assim como outros relatos orais, práticas culturais nos espaços pesqueiros com o uso dos seus respectivos artefatos, apresentados pelos entrevistados, de modo que ele/ela autorize tal identificação, caso contrário, utilizaremos pseudônimos, nomes fictícios, a fim de garantir a conduta ética de pesquisa. Estas informações serão veiculadas no meio científico.

6 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das proposições curriculares na Amazônia Bragantina, a partir da Cultura Material da Pesca, para a preservação da memória cultural relacionada aos artefatos, práticas da pesca. A construção de um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazônias enquanto currículos interculturais na Vila do Camutá e na escola situada neste território pesqueiro.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo minha participação nesta pesquisa.

Rogério Andrade Maciel

Rogério

Andrade Maciel – Orientador

Pesquisador pela Universidade Federal do Pará

(91) 98174-2047

Nalison Gustavo Farias

Nalison Gustavo FARIAS Da Costa – Voluntário
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará (91)

98254-7680

Bragança/PA *11* de *junho* de 2026

Assinatura do participante pescador(a):

Benedicta Aparecida Pereira

apresentações acadêmicas, artigos científicos e na construção de um manual educativo sobre a cultura material da pesca e práticas sustentáveis voltadas ao fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais. As fotografias e os depoimentos serão utilizados para analisar a cultura material da pesca, identificar os saberes e práticas tradicionais associados aos artefatos pesqueiros, comparar transformações ocorridas nas atividades de pesca em decorrência das mudanças climáticas e compreender suas contribuições para a construção de currículos interculturais na Educação de Jovens e Adultos.

5 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Será informado o nome do participante, na tabulação dos dados, a idade e o tempo de trabalho com a pesca, o gênero, assim como outros relatos orais, práticas culturais nos espaços pesqueiros com o uso dos seus respectivos artefatos, apresentados pelos entrevistados, de modo que ele/ela autorize tal identificação; caso contrário, utilizaremos pseudônimos, nomes fictícios, a fim de garantir a conduta ética de pesquisa. Estas informações serão veiculadas no meio científico.

6 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das proposições curriculares na Amazônia Bragantina, a partir da Cultura Material da Pesca, para a preservação da memória cultural relacionada aos artefatos, práticas da pesca. A construção de um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazonas enquanto currículos interculturais na Vila do Camutá e na escola situada neste território pesqueiro.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo minha participação nesta pesquisa.

Rogério Andrade Maciel

Rogério

Andrade Maciel – Orientador
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará
(91) 98174-2047

Nalison Gustavo Farias

Nalison Gustavo FARIAS Da Costa – Voluntário
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará (91)
98254-7680

Bragança/PA *12* de *junho* de 2026

Assinatura do participante pescador(a):

Deby...

apresentações acadêmicas, artigos científicos e na construção de um manual educativo sobre a cultura material da pesca e práticas sustentáveis voltadas ao fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais. As fotografias e os depoimentos serão utilizados para analisar a cultura material da pesca, identificar os saberes e práticas tradicionais associados aos artefatos pesqueiros, comparar transformações ocorridas nas atividades de pesca em decorrência das mudanças climáticas e compreender suas contribuições para a construção de currículos interculturais na Educação de Jovens e Adultos.

5 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Será informado o nome do participante, na tabulação dos dados, a idade e o tempo de trabalho com a pesca, o gênero, assim como outros relatos orais, práticas culturais nos espaços pesqueiros com o uso dos seus respectivos artefatos, apresentados pelos entrevistados, de modo que ele/ela autorize tal identificação, caso contrário, utilizaremos pseudônimos, nomes fictícios, a fim de garantir a conduta ética de pesquisa. Estas informações serão veiculadas no meio científico.

6 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das proposições curriculares na Amazônia Bragantina, a partir da Cultura Material da Pesca, para a preservação da memória cultural relacionada aos artefatos, práticas da pesca. A construção de um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazônias enquanto currículos interculturais na Vila do Camutá e na escola situada neste território pesqueiro.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo minha participação nesta pesquisa.

Rogério Andrade Maciel

Rogério

Andrade Maciel – Orientador
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará
(91) 98174-2047

Nalison Gustavo Farias

Nalison Gustavo FARIAS Da Costa – Voluntário
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará (91)
98254-7680

Bragança/PA 12 de Junho de 2026

Assinatura do participante pescador(a):

Jose Gustavo F. da Silva